

A importância das fontes históricas

Francisco José Alves (*)

Na história, como em qualquer ciência humana, o contato com as fontes é indispensável. Como estudar filosofia sem ler os filósofos? literatura sem ler os romancistas? sociologia sem ler os sociólogos? É como querer fazer omelete sem quebrar ovos ou querer ser farmacêutico sem gostar do cheiro dos remédios. "Quem não pode com o pote não pega na rodilha", diz o ditado popular. Não se pode pensar em história sem o concurso de um dos elementos que a torna possível: as fontes históricas.

Fonte, na linguagem dos historiadores, é tudo aquilo que ficou do passado e que pode nos dizer algo sobre ele. É a via através da qual o pesquisador constrói uma representação do passado. As fontes são muito diversificadas.

Uma carta, uma construção antiga, um filme, um utensílio doméstico são exemplos de fontes históricas. Elas também são chamadas de testemunhos. De fato, qualquer indício diz algo sobre uma realidade acontecida na vida dos homens de outrora.

Tradicionalmente, os historiadores tem usado, para representar o passado, as fontes es-

critas. Material escrito tem sido o menu predileto dos historiadores. Toda *Crítica Histórica* foi pensada como análise de textos escritos (impressos ou manuscritos). Hoje em dia os pesquisadores passaram a utilizar outros expedientes. *Tudo se tornou, potencialmente, fonte histórica*. Cada fonte demanda um tratamento específico consoante com sua natureza, com sua especificidade.

Estudando qualquer período ou assunto é preciso analisar os testemunhos. Pelo contato com eles o pesquisador pode imaginar como era o passado. Com a fonte o historiador experimenta o "sabor" de outras épocas. Uma coisa é ouvir contar como era o namoro na época dos nossos bisavós, outra coisa, bem mais interessante, é degustar as cartas dos namorados daquele tempo.

E preciso sempre repetir: é através das fontes que se pode construir uma imagem mental e escrita do passado. A fonte é o passaporte para o que já passou. O historiador não é um mágico mas alguém que a partir de dados positivos (as fontes) imagina aquilo que ocorreu. A fonte é a matéria prima do historiador, é a nossa caça.

Muitos professores de história nunca falam de fontes. O aluno fica perguntando: como é possível saber que Nero incendiou Roma? Cleópatra suicidou-se? Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil? Tiradentes foi enforcado? O conhecimento histórico não é um saber mágico. É por meio dos testemunhos (dos mais diversos tipos) que o historiador conhece o passado. O conhecimento histórico resulta da investigação das fontes. Historiar é implicar extrair informações contidas nas fontes históricas. Todo relato do historiador é estribado nelas.

Para decifrar as fontes o historiador necessita situá-las no tempo e no espaço. Quanto mais "distantes" de nós mais difícil a interpretação. Leio e entendo, sem muita dificuldade, uma carta da minha avó. O mesmo não acontece se for ler a carta de Pero Vaz de Caminha. A linguagem é outra, o vocabulário, o universo mental é bem diverso do atual.

Para ler a carta de Caminha é preciso fazer um esforço para vencer a "distância" dos cinco séculos que me separam dela. Dou um exemplo. No início da carta Caminha diz que vai narrar os feitos relativos à terra

"novamente descoberta". Isto significa que está se redescobrimo o Brasil? Não. Simplesmente a palavra "novamente" no português quinhentista significava "recentemente", "há pouco tempo". A palavra é a mesma mas o significado é diferente.

Lidar com as fontes é uma atividade prazerosa. Há o prazer de descobrir um documento até

então desconhecido, há emoção do decifrar um manuscrito, inicialmente impenetrável. O historiador imita o detetive. Ele reconstitui o perfil do passado, seja de uma pessoa, um grupo, baseado nas pistas que ficaram. É um intérprete de indícios. A tarefa exige criatividade e atenção à minúcia.

Mas a pesquisa também tem aspectos penosos. Dias e dias catando informações, fichando, anotando. Visitas a arquivos nem sempre organizados, buscas em bibliotecas de livros empoeirados, horas a fio entrevistando o informante arredio, desconfiado, tentando tirar leite da pedra.

(*) Licenciado em História pela UFS, mestre em Antropologia pela UNB e doutor em História Social pela UFRJ, professor do Departamento de História da UFS.

